

### III - LENDAS ROMANAS

Os Romanos enquadravam uma série de acontecimentos geralmente heróicos, de cuja autenticidade eles mesmos duvidavam, mas que apontavam como paradigmáticos. O próprio Tito Lívio (1) mostra ter plena consciência disto (2).

“Quanto aos fatos anteriores à fundação da cidade ou ao plano de a fundar, embelezados por lendas poéticas, mais do que transmitidos por documentos inalterados dos acontecimentos, não tenho em mente nem confirmá-los nem refutá-los. A antiguidade dá-se vênias para tornar mais augustos os primórdios das cidades, pela mistura do humano com o divino...”

O que há de mais salutar e fecundo no estudo da história é que se contemplam os ensinamentos de toda espécie de exemplos dispostos num momento bem visível; daí se podem extrair modelos a imitar para uso próprio e de seu país, e atos vergonhosos a evitar pelas suas causas ou pelas suas conseqüências”.

Essas lendas podem ser consideradas sob vários ângulos: histórico, etnográfico, religioso, axiológico. O que interessa para compreendermos a cultura romana é o último.

#### O RAPTO DAS SABINAS

Na sequência de lutas dos Romanos com os povos vizinhos, e no quadro pouco nítido das suas relações com os Sabinos, figura este célebre episódio que pretende explicar a fusão dos dois povos.

Diversas instituições e rituais perpassam na narrativa, tal como Tito Lívio apresenta (3). Podemos quase falar de uma etiologia dos rituais do casamento romano, que mantinha o simulacro de rapto. Outra etiologia ainda na instituição do culto de Júpiter Ferétrio.

O nome de “Consualia”, que Rômulo dá aos jogos premeditados para atrair os Sabinos, pretende talvez sugerir uma relação etimológica (enganadora) com “consilium” (‘plano’), que parece implícita em Tito Lívio e que se lê em Dionísio de Halicarnasso (4). Os modernos procuram antes a derivação a partir de “Consus”, divindade agrária protetora dos silos, que poderia representar uma tentativa de equivalência a Netuno Equestre, mencionado no texto como o patrono dos jogos.

O sociólogo encontraria nesta história, para além do interesse do estabelecimento de normas de convívio entre povos rivais, a importância que, apesar dos atos de violência, é dada à mulher, que será tratada, não como escrava, mas como tendo parte dos bens e na pátria.

Mas, acima de tudo, a lição da lenda é a de apaziguamento de contrários por meio da fusão de dois povos que encontram, nos laços familiares que contraem, o caminho para uma coexistência pacífica.

#### TARPEIA

Encastuada na lenda do rapto das Sabinas, mas distinta dela, encontra-se a de Tarpeia.

Uma figura feminina seduzida e castigada pelo inimigo, depois de ter atraído o próprio pai, é história corrente no quadro geral das fraquezas da humanidade.

A lenda apresenta variantes entre os antigos: por Dionísio de Halicarnasso, sabemos que a analista Pisão (5) tentara defender a filha do prefeito da cidadela romana, dizendo que ela pedira os escudos ao inimigo, para o desarmar; ao passo que Propércio (6) lhe dera um toque romântico, atribuindo ao amor a traição.



- (1) Tito Lívio: grande historiador romano de I sec. a.C.
- (2) Prefácio da História de Tito Lívio
- (3) Livro I de Tito Lívio
- (4) Dionísio de Halicarnosso: historiador grego que ensinou em Roma
- (5) Pisão: orador, conspirou contra o imperador Nero
- (6) Propércio: poeta elegiaco latino

Tito Lívio dá como causa do ato de Tarpeia o suborno pelo ouro, mas ao terminar a narrativa, refere também à versão da ambigüidade do contrato: a jovem pedira aos Sabinos o que eles traziam no braço esquerdo, que tanto podia ser os braceletes de ouro como o escudo.

O nome etrusco de Tarpeia encontrava-se ligados a um local de Roma, na vertente do Capitólio (7), local de sinistras associações, pois nele se castigavam os perjuros e outros criminosos que atentavam contra a República. E, precisamente, a lenda de Tarpeia era um exemplo de traição castigada.

### LUCRÉCIA

Um episódio que impressionou escritores antigos e modernos é o de Lucrecia, apresentado como causa próxima da queda da monarquia. A discussão entre jovens oficiais desocupados sobre os méritos das respectivas esposas; uma cavalgada noturna de 33 km para surpreender as atividades fúteis a que se dedicavam em Roma, mais 18 km até Colácia, para deparar com Lucrecia sentada a fiar no meio das criadas; a segunda vinda, dias depois, de Sexto Tarquinio, ameaçando matar e caluniar a mulher do amigo, se não ceder aos seus desejos; a submissão de Lucrecia desesperada; a sua mensagem urgente ao pai e ao marido, para lhe dar conta do sucedido e se matar na sua frente; a promessa de vingança de Bruto; a exposição do cadáver na praça pública; a emoção no Forum Romanum, provocada pelo discurso de Bruto - são tantos lances romanescos que fazem suspeitar de um modelo helenístico para o drama (8).

A intenção moralizante desta história de honra levada ao extremo está bem clara na fala da própria heroína antes de expirar: "Depois de mim, nenhuma mulher poderá faltar ao pudor, apoiando-se no exemplo de Lucrecia" (9).

### MÚCIO CÉVOLA

Esta lenda é um exemplo de coragem e dedicação pela cidade (1): um jovem romano que ousa apresentar-se só no acampamento de Porsena (11) para o matar, e, após ter sido descoberto, ante a ameaça de castigo pelo fogo, pousa a mão direita sobre as brasas, depois de ter proferido uma frase que é um retrato admirável do povo romano: *Et facere et pati fortia romanum est* ('tanto executar como sofrer grandes feitos é virtude própria dos Romanos'). Em seguida, aponta o seu ato como prova "do pouco valor do corpo para aqueles que têm em vista uma grande glória".

Os modernos examinam prosaicamente a questão, interrogando o nome de Cévola que consideram etrusco. A etimologia popular, porém, ligava "Scaevola" a "scaevus" (canhestro) ou "scaeva" ('sinal'). Explicação da falta da mão direita? História imaginada a partir de um monumento que representasse um jovem com a mão direita sobre um altar? R. Bloch aceita o paralelismo desta lenda e da antecedente com a dos deuses escandinavos, Odim, de um só olho, e Tor, de um só braço. O nó da história é meter o braço direito nas chamas, ato que só poderia significar castigo do perjúrio ou promessa; daí se deduz que a história original se referia a uma quebra de juramento, cujo castigo fora heroicamente suportado; a forma atual da história teria sido um arranjo do começo do séc. III a.C., feito sob a influência de lendas gregas.



- (7) Capitólio: uma das sete colinas de Roma
- (8) Drama: Categoria primordial da arte literária
- (9) Livro I de Tito Lívio
- (10) Livro II de Tito Lívio
- (11) Porsen: Rei etrusco que atacou Roma.

**Cânio Grimaldi**

Um episódio que impressionou escritores antigos e modernos é o de Lucrécia, apresentado como causa próxima da queda da monarquia. A discussão entre jovens oficiais desocupados sobre as melhores atividades a fazer se deslocavam em Roma, mais 18 km até Colúcia para depois com Lucrécia sentada a fazer no meio das crianças, a segunda vinda para depois de Sexto Tarquínio, ameaçando matar e casar a mulher do antigo se não couber nos seus desejos, a honra de Lucrécia desapareceu, a sua men- sagem chegou ao pai e ao marido, para lhe dar conta do sucedido e se matar na sua frente a promessa de vingança de Brutus a exposição de cada um às praças públicas, a emoção no Fórum Romano provocada pelo discurso de Brutus - são tantos juízes romanos que fazem esquecer de um modelo conhecido para o drama (8).

A história notadamente desta história de honra levada ao extremo está bem clara na fase de pesquisa histórica antes de entrar. Depois de tudo, nenhuma mulher poderia falhar ao poder, apontando-se no exemplo de Lucrécia (9).

MUCIO CÉVOIA

Esta lenda é um exemplo de heróico e dedicado pela lenda (1); um jovem mo- rano que não hesitou se ao acampamento de Porsen (11) para o matar. E após ter sido descoberto, ante a ameaça de castigo pelo fogo, pôs a mão direita sobre as bridas, depois de ter prometido uma frase que é um retrato admirável do povo roma- no. Et facere et pati fortis Romanus est (tanto executar como sofrer grandes coisas é virtude própria dos Romanos). Em seguida aponta o seu ato como prova "do pouco valor do corpo para aqueles que têm em vista uma grande glória".

Os romanos examinam precisamente a questão, interrogando o nome de Cévoia que consideram etrusco. A etimologia popular, porém, ligava "scævola", a "scævus", (antônimo de "scævus", "mel") expressão da falta de mão direita? História imaginá- da a partir de um monumento que representasse um jovem com a mão direita sobre um altar? Não acho a etimologia desta lenda e da antedecente com a dos deuses escandinavos. Omito de um só livro, e Tor, de um só livro. O no da história é melhor o preço direito nas chamas, ato que só poderia significar castigo do próprio ou promessa; daí se deduz que a história original se referia a uma decisão de julgamento, cujo castigo fora historicamente suportado, a forma atual da história terá sido um arranjo do com- co do séc. III a.C., feito sob a influência de lendas gregas.